

CONTRIBUTO PARA UMA TIPIFICAÇÃO DOS VÃOS DE DECORAÇÃO MANUELINA DE FREIXO DE ESPADA À CINTA

Teresa Pires de CARVALHO *

ABERTURA

A opção por uma abordagem de um tema mais relacionado com a História de Arte do que propriamente com a Arqueologia (especialidade da nossa vocação) tem a ver com o facto de pretendermos homenagear o nosso carismático Professor na área que abraçou nos últimos anos da sua vida - História da Arte.

Trata-se então de um texto de divulgação sobre um património que se vem degradando a passos largos e em tempo *record*, tendo-se verificado depreciações no espaço de dez anos, já depois de haver propostas classificativas de protecção do Centro Histórico daquela vila. Pretende-se, assim, contribuir para o fim do processo desvairado de destruição contínua de um dos mais significativos conjuntos de decoração doméstica manuelina, reforçando o trabalho de colaboração realizado no âmbito do concurso para o Plano de Salvaguarda do Centro Histórico de Freixo de Espada à Cinta ¹.

Vestígios manuelinos, há-os um pouco por todo o país, sobretudo no sul. A grande importância e originalidade desta vila reside na correspondência temporal do seu urbanismo com as decorações manuelinas. No fundo, todo o centro histórico da vila plasmou no Manuelino ², com a Igreja de solução arquitectónica quase única (igreja-salão, comparável à dos Jerónimos e de Arronches, constituindo o grupo mais conseguido e quicá, o mais genuinamente manuelino), situada não no centro da vila, mas numa das suas periferias, fruto de uma evolução urbana curiosa e pouco usual.

O conjunto manuelino de habitações civis de Freixo é citado por vários autores como sendo, senão único, pelo menos de importância relevante no panorama nacional, tendo mesmo servido como exemplo para um guião de filme sobre o Manuelino, elaborado por Pais da Silva ³. Diz Pedro Dias "(...) essa vila [de Freixo] conserva um conjunto notabilíssimo de moradas quinhentistas, além de dois belos templos da mesma época. (...) Seria curioso percorrer as ruas bem conservadas desta vila e ler as datas gravadas nas vergas de portas e janelas, daquelas a que chamamos «manuelinas», algumas muito posteriores aos meados do séc. XVI" ⁴.

Neste pequeno texto que agora apresentamos, procuraremos fazer uma abordagem sintética sobre a evolução urbana de Freixo, onde a época do reinado de D. Manuel e seguinte, introduziu o traçado que actualmente conserva. A malha urbana daí resultante, permitirá marcar em planta a localização de todos os edifícios que ainda apresentam vestígios do estilo manuelino, contemporâneos ou não, já que foi hábito adquirido entre a população de Freixo a imitação de vãos de sabor manuelino, como ainda actualmnte o faz.

ENQUADRAMENTO HISTÓRICO E URBANO

A vila de Freixo de Espada à Cinta localiza-se no Distrito de Bragança, junto ao seu limite sudeste, a cerca de 3 km do rio Douro que a separa da província espanhola de Salamanca.

A sua altitude varia entre 475 m, no seu ponto mais alto (Morro do Cemitério) e os 440 metros (Levantamento Aero-fotogramétrico de 1952), ocupando parte de um pequeno morro a nordeste, onde fica o actual cemitério e espalhando-se para o vale a oeste e sul, de encostas mais suaves, embora haja uma pequena densidade de povoamento a norte.

A reorganização da vila depois do foral de D. Afonso Henriques ⁵- principais actuações

O primeiro povoamento de Freixo insere-se numa solução hierárquica baseada num conjunto de pequenas aldeias subordinadas a uma aglomeração urbana fortificada, a vila ⁶. É nesta situação que se encontra Freixo de Espada à Cinta, elevado a vila com D. Sancho II. Esta passa a ter cerca defensiva construída numa parte elevada, de configuração ovalada ⁷, o que também se torna um tipo de fortificação comum em muitas vilas. É um cabeço pouco elevado (c. de 475 m), formando uma plataforma superior e descendo até ao sopé onde correm linhas de água. A vertente Este é a mais íngreme.

As Inquirições de 1258 revelam a construção de uma Igreja de S. Miguel, cujas rendas se aplicavam na construção do castelo ⁸. Neste documento, o nome da Vila aparece pela primeira vez como Freixo de Espada à Cinta e não apenas Freixo, como anteriormente. Podemos assim situar por esta altura, em meados do séc. XIII, o início da construção da referida Igreja de S. Miguel, que pode ter sido a primitiva que deu origem à Matriz, também de invocação a S. Miguel. Não se sabe a localização exacta desta igreja e por isso colocam-se duas hipóteses: ou foi entretanto demolida podendo esta encontrar-se no interior da cerca muralhada, ou corresponde à primeira fase da actual matriz tendo sido sucessivamente acrescentada e alterada na sua traça original. O que se sabe, é que a matriz de Freixo, tal como a vemos, levou alguns séculos a finalizar, quer pelas diferentes disposições dos monarcas, quer pela efectiva falta de dinheiro. Deste período devem subsistir algumas pedras e alicerces, só comprovados em escavação arqueológica.

No século XIV já possuía rendas de certa importância, provenientes de doações ou legados dos naturais da região e do próprio rei D. Dinis, que faz vários donativos à Igreja (1322) embora se tenham esgotado rapidamente na sua construção ⁹. Inicia-se aqui a segunda fase da Igreja (ou a construção de uma nova), provavelmente com um programa mais alargado e certamente com algumas características do novo estilo que despontava, o gótico, que podem ter sido suplantadas pelas fases seguintes. No entanto, a composição da fachada e os diferentes volumes entre a nave e a cabeceira, são ainda de gosto medieval.

Assim, distinguiremos como primeira etapa da ocupação de Freixo, o período que vai desde D. Afonso Henriques (cujo marco é o foral) até D. Dinis, com a criação de mais defesas (as torres da cerca), a (re)construção da Igreja e alguns arruamentos imediatamente à volta destes dois núcleos. A construção da Igreja fora de muros, apontava já o rumo que a evolução urbana iria tomar.

Uma segunda etapa será marcada pela construção da Torre heptagonal, restauro ou elevação das várias torres que marcavam a cerca e a barbacã, construção dos Paços do Concelho e continuação dos trabalhos da Igreja, que provocaram, juntamente com o

aumento de população proporcionado pelas regalias que D. João I dá à vila, o extravasamento da vila para fora da cerca, desviando, assim, definitivamente, o centro urbano para o redor da igreja e dos Paços do Concelho, que se situariam perto desta. *Embora tenha sido durante vários séculos o centro da vida da vila, não o era fisicamente*, pois desde cedo deixou de ser um lugar central. A evolução urbana não se processou em redor do outeiro, como inúmeros casos medievais, mas desceu apenas uma das encostas, desenvolvendo-se no vale.

O grande salto: a expansão e D. Manuel

O terceiro foral, Manuelino, fruto da Reforma dos forais empreendida por D. Manuel, após várias queixas, tornou-se mais um conjunto de obrigações dos habitantes do que de concessões, embora destas seja de referir a da isenção dos impostos de portagem. Está datado de 1512, registado no Livro de Forais Novos de Trás-os-Montes, fls. 5¹⁰.

É com este rei que se conhece a terceira e melhor documentada fase da construção da Igreja, que assume aqui o seu incontestável estilo Manuelino, fosse obra de raiz ou continuação de obras anteriores inacabadas. Fruto de várias gerações, não ficou pronta no reinado de D. Manuel, tendo nela intervidido construtores espanhóis / biscaínhos, e lavrantes formados pelos mestres do Manuelino.

A descrição desta Igreja (**I** na planta apresentada), é feita por variadíssimos autores¹¹, que constata, no seu conjunto, a erudição do acabamento interior (onde se atingiu a plena tipologia da Igreja-salão com abóbada única, numa solução de cruzamento de arcos que facilitou o alteamento das naves laterais) por oposição à rusticidade da volumetria exterior e ao popularismo das decorações manuelinas dos portais laterais.

É também desta época o Pelourinho de Freixo¹², que já não é símbolo do poder municipal, mas ostentando o brasão real manuelino. A sua construção insere-se no espírito da criação da Reforma dos Forais, numa atitude disciplinadora e centralizadora do poder real e com intenção de propagação.

Economicamente, em meados do séc. XVI, regista-se comércio com Espanha, sobretudo de peças de tecido, provavelmente sedas e linhos, como escreve João de Barros "Tecem pannos de peneiras para Hespanha"¹³. O desenvolvimento do fabrico da seda, iniciada provavelmente com D. Manuel, devido às relações com o Oriente, é aqui comprovado e constituiria uma fonte de riqueza, traduzindo uma certa diversidade das actividades económicas.

Assim, com a expansão portuguesa, e com os dividendos dela extraídos, assiste-se a um surto construtivo de grande envergadura, quer em estruturas defensivas, que têm de se adaptar às novas técnicas de guerra (o uso da pólvora e de canhões), quer em estruturas religiosas e urbanas. Corresponde aos reinados de D. João II e sobretudo D. Manuel e D. João III, verificando-se uma verdadeira campanha de construções e reconstruções nos castelos de fronteira, como se documenta em 1513, o biscaíno Pêro Lopes a trabalhar no Castelo de Freixo de Espada à Cinta¹⁴.

Segundo Orlando Ribeiro, em estudo publicado sobre o numeramento de 1527-1530¹⁵, "Freixo de Espada à Cinta, com um bom castelo forte e cercado de arrabaldes, tinha 447 moradores"¹⁶, quase tanto como Bragança (481) e Vila Real (478), enquanto Torre de Moncorvo possuía apenas 250.

Data desta época (1555), a Igreja da Misericórdia (**II** na planta apresentada) cuja abóbada da capela-mor é igual às das Igrejas Matriz de Freixo e de Torre de Moncorvo, esta dos finais do séc. XVI.

Relativamente à vila, podemos perceber o sentido da evolução urbana, a partir do desenho de Duarte d'Armas¹⁷: mostra a antiga cerca ovalada, cheia de torres e uma barbacã. Já é visível a expansão das casas para fora, a partir da Igreja de S. Miguel. Quanto às casas, verifica-se uma tipologia muito uniforme que perdurou até aos dias de hoje: dois pisos, porta larga no rés-do-chão, duas janelas no 1º andar e telhado de duas águas, estando construídas em banda.

É nesta terceira fase que Freixo de Espada à Cinta vê crescer o seu perímetro habitacional, ornamentando-se com os elementos decorativos do chamado estilo Manuelino. É aliás desta época que datam as peças mais características da vila construída e que devem ser preservadas.

VÃOS, DECORAÇÃO E DESENHO

A tentativa de definição de desenhos diferentes das molduras das janelas, produziu vinte e três conjuntos diferentes¹⁸, na sua maioria manuelinos, embora haja casos de execução posterior, que podem ir ao séc. XIX e mesmo XX, em reconstruções das casas. Esta característica empresta a esta vila um sabor original, na vontade de decorar os vãos das casas com os mesmos motivos "manuelinos", preservando a memória urbana da vila. É um facto curioso, verificável ao longo dos séculos.

Do levantamento fotográfico de todos os testemunhos visionados, procurámos elaborar vários conjuntos segundo as características decorativas, que traduzimos em desenhos¹⁹, tentando determinar filiações, repetições, o mesmo traçado, o mesmo trabalho de pedra, etc. Verificámos desde logo que numa mesma casa se encontravam decorações diferentes e que a mesma decoração se derramava por várias ruas, com algumas tendências. Os casos isolados são numerosos, o que nos faz pensar se não teriam sido destruídos alguns dos seus pares.

O levantamento foi feito com base numa ficha tipo onde se referem a localização, as dimensões, o material usado, a decoração e a inserção num conjunto. As referências das casas são alfa-numéricas, referindo-se cada letra a uma rua e o nº às casas dentro de cada rua.

Não se trata de uma classificação tipológica. Não se baseia na cronologia, mas sim no estilo. Pelas datas de algumas delas, podem-se determinar afinidades estilísticas, mas não temporais, pois há casos que são claramente posteriores. Importa, pois, fazer ressaltar a característica do conjunto, entendido como manifestação do passado da vila. O parco número de janelas, em termos de seriação tipológica, também não permite agrupamentos com base em critérios temáticos (se o motivo desenhado se enquadra dentro dos temas vegetalista, figurativo, etc.), ou com base nos suportes (se o modelo é arquitectónico, ou escultórico, etc.).

O critério de selecção optado radicou na semelhança do desenho do lintel dos vãos, mesmo se os parapeitos apresentem certas diversidades como sejam as moldurações decrescentes, tão frequentes no universo iconográfico do manuelino, pontificando sobretudo nos pelourinhos. Esta molduração aparece em exemplares de desenho completamente diferente, para além do facto de ter desaparecido em muitos casos, pelo que não a consideramos elemento de distinção.

Também não considerámos a existência de cachorros na tipificação dos vãos, por ser mais uma vez um elemento que pode ter existido em quase todos, senão todos os exemplares, não restando senão em alguns. Quase todos os cachorros são em granito, de

trabalho simples mas apresentando sempre uma molduração. Encontram-se na maioria dos casos ao nível do parapeito, fazendo pressupor os apoios de uma pequena sacada ou apenas uma balaustrada. Outros há que se encontram ao nível médio dos vãos, o que levanta a questão de se saber se a janela não teria sido rasgada, aumentando a sua dimensão em relação à original ²⁰.

É hoje difícil atribuir com toda a certeza a data de grande parte das decorações das molduras de portas e janelas de Freixo, excepto as que são datadas ou as que a pátine do tempo deixa perceber a longevidade. Há, no entanto, casos de (re)construções atribuíveis por outros elementos aos séc. XVIII e XIX, onde se procurou imitar o estilo decorativo que, *ou seria pré-existente na casa, ou inspirado noutras habitações. Encontrámos ainda três exemplos actuais reveladores da mesma preocupação, o que significa que há uma manutenção do saber fazer por parte dos artesãos do granito, que, talvez a partir de moldes, copiam os tipos existentes. Certezas cronológicas, temos apenas as das janelas que foram datadas.*

Relativamente às decorações, não encontramos aqui nenhuma das figurações fantásticas e simbólicas que compõem a sintaxe da maioria dos grandes edifícios manuelinos, como sejam os símbolos heráldicos ou referentes a Cristo, numa identificação (e justificação) do rei perante os súbditos ²¹, nem tão pouco a monumentalidade que os caracteriza. A diferente função (trata-se de arquitectura doméstica), a formação dos lavrantes e a distância dos principais centros difusores do Manuelino, terão tido aí um peso fulcral. De facto, as guarnições manuelinas de Freixo inscrevem-se num programa sóbrio, contido e, por isso, revelador do “estilo manuelino de cariz popular” ²², embora a referência do estaleiro da Igreja Matriz tenha assumido uma importância definitiva e não desprezável em toda a dinâmica decorativa da vila. Aqui laboraram vários canteiros, alguns possivelmente recrutados na vizinha Espanha, ou vindos de estaleiros do sul, sob as ordens de criadores eruditos. Depois de construída a Igreja (ou ainda durante as suas obras) os vários canteiros devem ter sido contratados pela população da vila, para embelezarem e refazerem as suas casas ou construírem de raiz habitações nas novas ruas que então se traçavam. Assim se explica que, sendo uma gramática decorativa pouco barroquizante, se atendermos à exuberância do imaginário dos Jerónimos ou do claustro da Batalha, deixa transparecer o “ar de família” com os elementos decorativos daqueles centros.

Os motivos decorados são na sua maioria geométricos, de formas algo volumosas e salientes, moldurados, favorecendo os jogos de luz / sombra ou claro / escuro, tão caros ao Manuelino ²³, pontificando quase sempre elementos decorativos arquitectónicos - o arco - nas suas múltiplas interpretações e desenhos variados (arcos e arquinhos curvos e contracurvos, arco canopial), de acordo com a imaginação e limitações dos executantes, mas também onde aparecem semi-esferas e entrançados ²⁴. Dos restantes motivos, destacam-se os de inspiração vegetalista, plasmados em folhagens e flores de caule sinuoso e corola ondeante, bem enquadrados no espaço interior dos arcos moldurados envolventes. Caso curioso e perfeitamente ligado à lenda da origem do nome de Freixo de Espada à Cinta ²⁵, é a existência de segmentos de troncos, com ramificações cortadas, alusão clara ao “Freixo” onde certo visigodo teria descansado a sua espada, durante a ocupação deste território. Aparecem um ou três, radiantes em relação ao arco de onde partem e subsistem apenas nas portas (uma delas com inscrição de 1552, geminada com outra casa de siglas medievais na cantaria). Raros, mas não ausentes, são os motivos de passamanaria (franjas e entrançados, segundo a terminologia do autor citado) e a figura humana aparece enquadrada numa moldura rectangular com a representação de 3 caras, de sabor popular

e rudeza do trabalho do granito, mas com intenção renascentista, esculpidas em duas janelas vizinhas que parecem incompletas, ou cortadas no topo superior. Animais afrontados, numa clara reminiscência do românico, existente, aliás, num único caso de janela em arco quebrado, fecham o ciclo decorativo.

O imaginário decorativo revela-se, assim, pouco diversificado na maioria dos casos, com elementos repetidos, embora por vezes trabalhados e dispostos de maneira diferente, constituindo poucos tipos diferentes. A diversidade resultante é desequilibrada, encontrando-se casos únicos na conformação de desenhos completamente distintos.

Estes motivos aparecem essencialmente nos linteis de portas e janelas, mais nestas últimas, prolongando-se para as ombreiras e parapeitos, por vezes. Quase todos os vãos, sobretudo os declaradamente manuelinos, apresentam os umbrais chanfrados, característica que se prolonga pela escultura do lintel, lembrando talhe de bisel, como se se tratasse de trabalho em madeira. O lintel ou verga do vão, aparece sempre como um elemento solto, pedra única assente nas fiadas laterais.

Quase todas as janelas mantêm uma moldura pétreia a toda a volta, entre os 20 e 30 cm, antes de começar o reboco. As dimensões dos vãos têm algumas variações, dividindo-se fundamentalmente em dois grupos: um, maior, medindo sensivelmente 1,60 a 1,80 m de altura, por 1,20 a 1,50 de largura; e um, mais reduzido, em formato mais quadrado, com cerca de 1 m de lado, com ligeiras variações.

O material trabalhado é por excelência o granito, o que confere a simplicidade aos motivos e também o traço tosco das decorações. O granito utilizado é de cor clara e grão fino, apresentando nos mais antigos, uma patine e um desgaste que confirmam a sua antiguidade e "amaciam" a pedra uniformizando o seu aspecto. São raros os trabalhos em calcário, fruto de importações da pedra. O estado de conservação das janelas é, em grande parte razoável, tendo sido retocados os motivos em operações de restauro.

Passemos então à análise de cada um dos vinte e três desenhos que agrupámos. Os desenhos mais tipificados que se repetem sem grandes alterações e variações são os que numeramos 1, 2 e 3, encontrando-se aqui a maioria dos exemplos de Freixo. Os desenhos nº 6, 8, 13 e 23 são derivações dos primeiros, apresentando uma menor homogeneidade; os restantes desenhos já são claramente distintos, revelando outras fontes de inspiração, maior diversidade e originalidade. São também estes últimos que enquadram um menor número de casos. Há ainda um número restrito que mostra uma estilização dos motivos habituais, que serão referenciados na leitura caso a caso. No quadro apreciam-se as relações entre as ruas e os desenhos, localizando-se as casas na planta.

Desenho 1 - Caracteriza-se por um desenho simétrico, enquadrando nas extremidades duas curvas convexas que se prolongam pela chanfra dos umbrais e que delimitam ao centro duas contracurvas côncavas, formando três vértices (quase pináculos). A diferença marcante entre este desenho e outros que lhe são afins, está na separação das contracurvas, representada por uma linha vertical que estabelece a ligação entre as duas, ao mesmo tempo que marca a diferença por ir até ao limite do lintel, onde começa o vão. Os exemplos deste desenho são duas janelas na R. do Outeiro (**R2** e **R3**) e uma na R. da Fonte Seca (**U1**), apresentando esta última o parapeito moldurado em sentido decrescente e com a particularidade de ser em calcário. Há ainda uma porta da casa **E1**, (a da direita, mais estreita, mantendo tipologia da casa de lavoura transmontana²⁶ destinando-se a porta maior para o gado e carros, de acesso ao pátio e a mais pequena directamente para o interior da casa). Encontram-se todas em bom estado de conservação, tendo a **R2** e **U1**

e a **E1** sido restauradas há pouco tempo. Como referência, encontramos semelhanças com o desenho de uma casa na velha Lisboa, publicado por Albrecht Haupt, em 1895²⁷.

Desenho 2 - Tal como o anterior é uma decoração muito tipificada, constituída pela mesma simetria, com as molduras curvas exteriores a prolongarem-se também para os umbrais chanfrados, mas com o motivo central mais simples, onde as linhas curvas se transformam em arestas rectas convergentes num vértice inferior, desenhando como que um M. Há três exemplares que mantêm uma molduração no parapeito, embora reduzida a apenas uma ou duas molduras. Deste grupo fazem parte janelas de quatro ruas diferentes, a **Q4**, **T1**²⁸, **X1** e **N3**. Existe um desenho semelhante numa casa da R. do Ouro, no Porto, publicado por Haupt, p. 246.

Desenho 3 - É o motivo mais disseminado por toda a vila encontrando-se em cerca de um terço dos vãos seleccionados. Mantém-se a mesma simplicidade dos desenhos anteriores, mas aqui, há um certo "maneirismo" no motivo central, mais consentâneo com a temática *barroquizante* do manuelino de cariz popular. Este, definindo arcos em contracurva, lembra o arco canopial da estética manuelina, mas de linhas mais curvas e volumétricas. Apontamos três variantes que dizem respeito a pequenas *nuances* na definição do motivo central embora apareçam motivos híbridos entre variantes distintas. A primeira variante (a mais utilizada) apresenta o motivo central mais estreito e de curvas menos largas que as laterais; a segunda variante apresenta uma quase igualdade entre as dimensões das curvas laterais e das suas contracurvas centrais; finalmente a terceira variante, estabelece uma continuidade entre as curvas e contracurvas do desenho, sem os separadores verticais. Da primeira variante, encontramos exemplares nas casas **P1**, **P7** (em mau estado de conservação), **L2**, **S1** (que apresenta, sob o parapeito, um friso de franjas - motivo de passamanaria, também típico desta época,²⁹ **S2** (restaurada), **E1** (restaurada), **K2** (de execução recente, um exemplar de princípio do século XX, já referenciada em 1952), **H1**, **H2** (só subsiste o lintel), **U1** e **U1**; a segunda variante é visível nas casas **P2** (com 2 janelas, uma apresenta a data de 1552 inscrita por cima do motivo decorativo central), **P3**, **J1**, **G1** (em mau estado de conservação, tem uma pequena molduração sob o peitoril), **G2**, **G3**, **K1** (porta), **D4** (porta), **F1** (2 portas e 3 janelas restauradas, mas mantêm a moldura sob o parapeito original), e **VI** (porta); da terceira, apenas registamos um exemplar, a casa **R3** (com duas janelas). A variante 3 encontra-se no desenho da porta da Sala do Capítulo de Tomar, de Haupt, p. 27.

Desenho 4 - Encontrámos apenas um caso com este tipo decorativo, muito singelo e provavelmente incompleto, sendo muito difícil definir-se com precisão qualquer filiação ou mesmo época. Apresenta apenas um motivo floral no centro do lintel, com os umbrais chanfrados, mas sem continuidade com o lintel. Parece ser o que resta de uma decoração mais profusa. A casa onde está inserida (**E2**) era a antiga cadeia, onde se encontrava a pedra d'armas de Freixo, que foi trasladada para o edifício da actual biblioteca, na Praça de Jorge Álvares. Todo o edifício se encontra em mau estado de conservação.

Desenho 5 - Embora haja outros desenhos que se aproximem deste (ou que constituam filiações), existe um único caso com esta decoração, que parte de uma base de arco contracurvado estilizado, mais gravado que esculpido, enquadrado numa moldura poligonal. Aparece na fotografia do levantamento de 1952 com uma sacada apoiada por mísulas, que entretanto desapareceram. O imóvel (**K3**) está em estado degradado e insere-se num conjunto de casas com elementos decorativos filiados no Manuelino, erigidos na R. Nova (topónimo muito usual nesta época), quando esta foi aberta. Este motivo é semelhante ao das portas da Casa dos Bicos de Lisboa - "antiga loja de comércio marítimo

indiano”, e às portas do pórtico da Igreja de Jesus de Setúbal, desenhadas por Haupt, nas p. 57 e 107.

Desenho 6 - É um caso que nos parece de clara filiação no Desenho 3, embora apresente elementos formais distintivos que justificam a sua inclusão noutra tipo. Numa organização mais uma vez simétrica, com as habituais curvas laterais prolongadas pela chanfra dos umbrais, centraliza-se numa inspiração de arco conopial pouco elevado. Há quatro janelas integráveis neste conjunto, embora se documentem apenas em duas casas da mesma rua: **A2** e **A5** (com três janelas). Considerámos uma destas como variante, na medida em que apresenta três elementos vegetais, dois sob as curvas laterais e um sob o vértice central, todos diferentes. É um motivo que se aproxima da moldura interior da janela da Sala do Capítulo do Convento de Cristo em Tomar e no pórtico duplo da capela da Universidade de Coimbra, dos desenhos de Haupt, p. 15 e 23.

Desenho 7 - É dos desenhos mais «manuelinos», quer pelo traçado dos elementos arquitectónicos (os arcos que compõem o quadro), quer pela decoração vegetalista interna a encher todo o espaço disponível, à maneira de tímpano. Numa composição estruturada numa hierarquia de arcos trilobados, dispõem-se, dos limites laterais para o centro, elementos fitomórficos, que variam de caso para caso. No desenho de referência, são dois caules sinuosos e longilíneos, que terminam em corolas caídas, ao centro, sob uma flor de quatro pétalas (em forma de cruz, alusão ao crucifixo?) que encima o conjunto. Noutros casos, mais modestos, sob a mesma composição arquitectónica, aparecem apenas dois elementos florais, sem caule, no remate dos arcos laterais. Encontram-se muito próximas em duas casas da mesma rua: **A8** (com duas janelas) e **A9**, o que pode significar, como na anterior, a mão dos mesmos lavrantes ou o mesmo programa. A composição “arquitectónica” do desenho lembra a do portal principal das capelas imperfeitas do Mosteiro da Batalha, esboçado por Haupt, na p. 160.

Desenho 8 - Parece uma clara filiação do desenho 1, embora com diferenças que o tornam mais complexo. Desenho simétrico, com os habituais arcos cujas curvas laterais se prolongam pelos umbrais, desenvolve-se em linhas angulosas e curvas, de grande volume, que terminam no centro em duas linhas côncavas unidas por um vértice. O desenho de referência tem uma fiada de semi-esferas sob o parapeito como um reposteiro aberto à maneira de dossel no centro. Apresenta ainda uma data gravada no lintel: «ERA DE 1552». Fazem parte deste grupo janelas das casas **O1**, **P2** (desenho mais estilizado, fruto de restauro recente), **P4** e **II**. Como se verifica, foi um desenho disseminado por várias ruas, não permitindo qualquer alusão a uma área específica de trabalho.

Desenho 9 - É dos mais belos desenhos da vila, modelo de transição esculpido num suporte de arquitectura gótica, parecendo ser um dos elementos decorativos mais antigos, com a representação das duas aves afrontadas de sabor medieval. É exemplar único na vila, valendo por si só um lugar de destaque. Arquitectonicamente é constituído pela representação de duas pilastras curtas, com referência da base e do capitel (com motivos florais), que sustentam um arco quebrado todo decorado com folhas de parra numa composição quase de figura avulsa, definida por triangulações do espaço da arquivolta, mantendo ao centro um meio tímpano onde se encontram as aves afrontadas, bebendo (vinho) de um cálice que brota de uma concha vieira (simbólica cristã, onde se mesclam referências medievais, com o espírito decorativo do manuelino). É um exemplo que poderíamos integrar na intensão moral e religiosa, característica marcante da nova geração de quinhentos³⁰. O desenho é em baixo-relevo pouco saliente, quase como se de filigrana se tratasse, e pertence à casa **R1**.

Desenho 10 - Também exemplar único, caracteriza-se por um desenho simples de arco em cortina abatido, com a habitual chanfra dos umbrais. É um motivo muito habitual no manuelino, sobretudo como intradorso de arcos radiantes, como no portal da Igreja Matriz de Vestiaria³¹ e no portal do Palácio de Sub-Ripas, em Coimbra, ou na entrada da Sacristia de Alcobaça, esquisados por Haupt, p. 28 e 149. Em Freixo, aparece na casa **A5**.

Desenho 11 - É um desenho atípico, porquanto parece utilizar certos traços habituais como as curvas laterais que se prolongam nos umbrais chanfrados, mas com uma composição central absolutamente inesperada, que parte da representação de dois arcos quase em ajimez unidos por um colunelo incompleto, ladeado por dois elementos verticais que parecem sustentar as curvas dos arcos. Todo o conjunto é rematado superiormente por linhas curvas, que acompanham o traçado do "intradorso", sendo tudo esculpido numa pedra só. Trata-se de portas em duas casas vizinhas (**D2** e **D3**), provavelmente talhadas pelos mesmos lavrantes e com uma forma usual em casas quinhentistas: os ângulos superiores da porta são cortados, neste caso simulando cachorros de suporte do tímpano (à maneira dos portais românicos).

Desenho 12 - O que caracteriza este desenho é o carácter geométrico dos ornatos que se localizam quer na verga quer no parapeito das janelas. Os elementos são quase sempre os mesmos, típicos do ideário manuelino, podendo variar na organização decorativa. O exemplo de referência apresenta no lintel uma decoração medianamente relevada em duas finas bandas, uma formada por semi-esferas e losangos horizontais alternados e outra, por semi-esferas separadas; no parapeito de molduração decrescente, sucedem-se pequenos óvulos, semi-esferas e uma cadeia, em fiadas horizontais. Encontramos duas janelas deste grupo, a **N2** e a **K5**, esta última em bastante mau estado de conservação.

Desenho 13 - Trata-se de um motivo derivado do desenho 3, que duplica a composição central numa modulação em dois pequenos arquinhos. Há três exemplos desta ornamentação, em três ruas diferentes **C1**, **U2** e **Q1**, sendo este último produto de renovação integral, com base numa pre-existência. O desenho de referência apresentado está incompleto, servindo de clarificação do que acontece em inúmeros casos em Freixo: as decorações são retiradas do seu contexto original e mantidas como peças de museu desgarradas, mudadas de lugar ou truncadas.

Desenho 14 - Embora o seu traçado pareça filiar-se no desenho 1, apresenta duas diferenças fundamentais: não há elementos verticais a separar as contracurvas e possui ao centro uma figuração humana com uma representação (sugestão) de coroa que tanto pode simbolizar a realeza, como a cristandade, ambiguidade cara a este período onde se procura "confundir" a simbologia real com a cristã. Para além do desenho de referência (**A3**), há uma inspiração estilizada, mas sem a figuração central e com muito menos volume, num traço quase gravado na pedra, restaurada num período bastante posterior (**P5**). Nesta casa há uma inscrição desgastada pela limpeza da pedra, fora de contexto, gravada dentro de uma simulação de *tabula ansata*, onde se lê: ANO D 1540.

Desenho 15 - Desenho baseado numa simplificação (geometrização) do arco conopial, de traço mais seco e menos curvo, esculpido em baixo-relevo numa molduração tripartida, onde se alternam secção convexa e côncava, envolvendo toda a janela. Neste exemplar (**B2**) existe um parapeito também moldurado com um ornato vegetal que lembra um segmento de tronco contínuo. Esta imagem de arco contracurvado estilizado, foi utilizada em duas portas de casas recentemente renovadas, no Largo Guerra Junqueiro (**Q1** e **Q2**).

É um desenho muito semelhante ao pormenor do Pavilhão de caça do Palácio de Sempre-Noiva, Évora, desenhado por Haupt, p. 22.

Desenho 16 - Motivo claramente inspirado no anterior, mas muito mais simplificado. Aqui, não há a sugestão do arco contracurvado, mas sim apenas a marcação de um vértice para quebrar a monotonia da moldura recta. Tratamento de execução bastante simples, há exemplos bastante antigos, com o granito muito desgastado (e que podem apresentar uma semi-esfera sob o vértice) e outros que parecem mais recentes, em imóveis de características oitocentistas. São todos salientes, com volume claro em relação ao plano da janela. Estão disseminados por várias ruas, nas casas **D5**, **U1**, **R2** e **A6** (com duas janelas).

Desenho 17 - Janela única, de desenho original cuja escultura do lintel se integra numa espécie de alfiz rectangular rebaixado. É uma composição complexa, dentro do habitual em Freixo, mais próxima do trabalho dos portais da Matriz e mais conotada com a simbólica de celebração manuelina. Há como que uma sobreposição decorativa: por um lado a moldura rectangular da janela, com dois finos colunelos laterais (o primeiro tramo inferior é torso) que se rematam superiormente por uma trave também de secção redonda; por outro, a decoração do lintel, cujas curvas laterais de secção curva se ligam ao centro em linhas contracurvadas, que terminam com uma cruz no vértice. Dentro de cada curva existe um motivo natural (flor e concha vieira), parecendo-nos todo o conjunto de forte simbologia religiosa. Esta casa (**A4**) localiza-se numa das ruas principais do centro histórico, perto da Igreja da Misericórdia e da Matriz.

Desenho 18 - Existem dois exemplos iguais, em casas geminadas (**D2** e **D3**), com as portas do desenho 11, pelo que há probabilidades fortes de serem das mãos dos mesmos lavrantes. O tratamento decorativo é aqui puramente geométrico, lembrando mais uma temática renascentista que manuelina. As janelas apresentam uma moldura chanfrada a toda a volta, encimada por uma composição moldurada saliente, de traçado geométrico, definindo dois espaços rectangulares aparentemente incompletos ou truncados, embora simétricos e bem rematados na parte inferior. A parte superior integra três figurações de caras à maneira de máscaras. Desenho original, de linhas construtivas rectas que contrasta fortemente com a sinuosidade da maioria das decorações da vila.

Desenho 19 - O que caracteriza este desenho é a existência de uma fiada de semi-esferas marcando a moldura simples, com chanfra de janelas. No caso de referência, foi ainda esculpida uma flor no parapeito, feita a partir dos mesmos elementos decorativos semi-esféricos. Existem duas casas próximas entre si, **A1** e **A9**.

Desenho 20 - Este grupo tem como elemento marcante a existência de um ou mais segmentos de tronco ³², cada um agarrado por uma mão, normalmente existente nas monumentais aduelas de portas de arco peraltado, muito características na vila. Para além destes exemplos (**Q3** e **P2**), este último com data de 1552 da chamada *Casa dos Carrascos* ³³, existe um caso, que incluímos neste conjunto por utilizar o mesmo elemento, feito em betão, num imóvel oitocentista que pretendeu recriar o momento passado através de um revivalismo neo-manuelino. Trata-se de uma janela (**A7**) com moldura encordada a toda a volta, com aros a prenderem o encordado e, no topo superior, quatro segmentos de tronco imitando os originais.

Desenho 21 - Existe apenas um caso (**P6**) com este desenho notoriamente simples e decorativamente pobre. A moldura da janela desenvolve-se numa sucessão de três curvas de pouco volume que se prolongam pelos umbrais numa molduração de secção dupla, concava e convexa. Está em mau estado de conservação, tendo sido rasgada na parte superior para aumento do vão da janela.

Desenho 22 - É um desenho não figurativo feito com base em volumes salientes, numa sucessão de volumes curvos, alternados com volumes verticais rectos, podendo variar de número (3 ou 4). Aparece numa porta e numa janela (**H1** e **J2**), tendo esta um parapeito com duas molduras de secção recta, em tamanhos decrescentes.

Desenho 23 - Relevo fortemente saliente, é um exemplo filiado nos desenhos 1, 3, 8, com a diferença de possuir apenas um par de curvas centrais, com remates em ângulos rectos laterais, mantendo os umbrais chanfrados. Pertence ao grupo das janelas mais pequenas e é exemplar único (**A9**).

QUADRO DA DISTRIBUIÇÃO DOS DESENHOS POR RUAS

	Desc. 1	Desc. 2	Desc. 3	Desc. 4	Desc. 5	Desc. 6	Desc. 7	Desc. 8	Desc. 9	Desc. 10	Desc. 11	Desc. 12
A-R. das Eiras						A2, A5 (3)	A8 (2)			A5		
B-Pr. Jorge Álvares												
C-R. Pedro Mateus												
D-R. das Flores			D4				A9				D2, D3	
E-R. da Cadeia			E1	E2								
F-R. do Depósito			F1									
G-R. da Betesga			G1, G2, G3									
H-R. Trás do Adro			H1, H2									
I- Largo do Vale												
J- Largo do Poeta			J1									
K-R. Nova			K1, K2	K3								K5
L-R. dos Palheiros			L1, L2									
M-R.S. Francisco			M1									
N-R. do Vale		N3	N1									N2
O-R. da Manga								O1				
P-R. das Moreirinhas			P1, P2 (2) P3, P7					P2, P4				
Q-R. do Boble		Q4										
Q-Lg. Guerra												
Junqueiro												
R-R. do Outeiro	R2, R3								R1			
S- Lg. Frei Bartolomeu dos Mártires			R3 (2) S1, S2									
T-R. da Costa		T1										
U-R. da Finte Seca	U1											
V-Av. Guerra			U1									
Junqueiro			V1									
X-R. do Muradal		X1										

	Desc. 13	Desc. 14	Desc. 15	Desc. 16	Desc. 17	Desc. 18	Desc. 19	Desc. 20	Desc. 21	Desc. 22	Desc. 23
A-R. das Eiras		A3		A6 (2)	A4		A1, A9	A7			
B- Pr. Jorge Álvares			B2								
C-R. Pedro Mateus	C1										
D-R. das Flores				D5		D2, D3				A9	
E-R. da Cadeia	E1										
F-R. do Depósito											
G-R. da Betesga											
H-R. Trás do Adro									H1		
I- Largo do Vale											
J- Largo do Poeta										J2	
K-R. Nova											
L-R. dos Palheiros											
M-R.S. Francisco											
N-R. do Vale											
O-R. da Manga											
P-R. das Moreirinhas		P5						P2	P6		
Q-R. do Boble								Q3			
Q-Lg. Guerra											
Junqueiro	Q1		Q1, Q2								
R-R. do Outeiro				R2							
S-Lg. Frei Bartolomeu dos Mártires											
T-R. da Costa											
U-R. da Fonte Seca	U2			U2							
V- Av. Guerra											
Junqueiro											
X-R. do Muradal											

Nota Final

Mudanças de gosto associadas a novos padrões de conforto, divulgação e emprego de técnicas e materiais que configuram referências de suposta modernidade, associadas a uma pouco clara e efectiva defesa cultural e regulamentar dos testemunhos patrimoniais, explicam, pelo menos parcialmente, a perda e destruição progressiva de parte do Património que dava à vila de Freixo de Espada à Cinta a singularidade de ser uma das de maior expressão figurativa do Manuelino na arquitectura civil ou doméstica.

Essa perda tem-se revestido de aspectos mais superficiais, eventualmente reparáveis, e de outros que, alterando substancialmente a relação volumétrica e figurativa das construções com as ruas, têm contribuído para uma descaracterização irreversível que urge travar. Levantamentos realizados em 1952, 1980 e 1996, permitem confirmar que, apesar dos dados que reuniram e que seriam suficientes para justificar políticas de protecção de todos os elementos histórico-artísticos, a delapidação sem remédio continua a processar-se, justificando-se, assim, a urgente tomada de medidas cautelares para salvaguardar o que ainda existe. Sendo certo e conhecido que a perenidade das arquitecturas civis e populares, pela menor riqueza de meios com que eram erigidas, se revelou menor que as dos edifícios de particular relação com o Poder Real ou Religioso, importa clarificar e divulgar a importância patrimonial e cultural deste legado construído, a bem da sua preservação.

* Mestre em Arqueologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

¹ O concurso foi ganho pela Empresa *Vastus*, a quem agradecemos a cedência da planta aqui publicada, bem como da consulta das fichas dos imóveis declarados com interesse patrimonial no seu todo ou em parte.

² Quando aqui nos referimos a Manuelino e sem procurar entrar na polémica gerada à volta da questão de se saber se se trata ou não de um estilo, se introduziu modificações que respondam aos critérios julgados fundamentais para a definição de um estilo, de que tratam os autores especializados nestas áreas do saber, estamos a utilizar um conjunto de critérios definidores do que é comumente apelidado de Manuelino: uma arte executada durante um certo período de tempo (que apesar de ter tido a sua pujança no reinado de D. Manuel I, sobretudo na segunda década do séc. XVI, se prolongou pelo reinado joanino, nomeadamente na província), com determinadas características ornamentais que, embora diferentes e dispersivas, formam um todo (utilização de certos arquetipos como: o arco conopial, as decorações dos vãos, a utilização de elementos vegetais, animais, de símbolos do poder, como esferas armilares ou escudo real, cordas e nós, em suma, "a vitória da tendência naturalista ou barroquista", no dizer de Pedro Dias). Vd. DIAS, Pedro, "O Manuelino", *História da Arte em Portugal*, Vol. V, Ed. Alfa, 1986 p. 12; PEREIRA, Paulo, "A Invenção do Estilo Manuelino", *História da Arte em Portugal*, dir. por Paulo Pereira, vol. 2, 1995, p. 53-60.

³ Vd. SILVA, Jorge Henrique Pais da, *Páginas de História da Arte*, vol. 1, 1986, p. 63.

⁴ DIAS, Pedro, op. cit. 1986, p. 70.

⁵ Vd. ALVES, Francisco Manuel, *Memórias Histórico-Arqueológicas do Distrito de Bragança*, Vol. IV, 1909, p. 328; *Documentos Medievais Portugueses*. "Documentos Régios", ed. por Rui de Azevedo, Academia Portuguesa de História, Lisboa, 1958-61, p. 252. Este foral, de entre 1155 e 1157, é definidor de uma clara estratégia de povoamento de um território fronteiriço.

⁶ Sobre a relação da formação das vilas e construção das cercas medievais, vd. ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira de, "Muralhas Românicas e Cercas Góticas de algumas cidades do Centro e Norte de Portugal", *Cidades e História*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1992, p. 137-141, especialmente p. 138; Idem, "Castelos e cercas medievais. Séc. X a XIII", *Portugal no Mundo. História das Fortificações Portuguesas no Mundo*, dir. por Rafael Moreira, Lisboa, 1991, p. 38-54.

⁷ Trata-se do tipo 2, definido em GOMES, Paulo Dordio, *Arqueologia das Vilas Urbanas de Trás-os-Montes e do Alto Douro - A reorganização do povoamento e dos territórios na Baixa Idade Média (séc. XII a XV)*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, policopiado, FLUP, 1994, p. 2.

⁸ Cit. em ALVES, Francisco Manuel, *op. cit.*, p. 57.

⁹ Vd. *Boletim da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais*, "Igreja Matriz de Freixo", nº 70, Lisboa, p. 8.

¹⁰ Vd. entre outros, ALVES, *op. cit.* vol. IV, 1909, p. 411; *Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira*, Editorial Enciclopédia Lda, Lis/ Rio de Janeiro, vol. XI, p. 77; TABORDA, Joaquim Augusto Ramos, *Freixo de Espada à Cinta, Monografia*, Lisboa, S.N.I., 1948, p. 56.

¹¹ Sobre este assunto, vd. CHICÓ, Mário Tavares, *A Arquitectura Gótica em Portugal*, Livros Horizonte, Lisboa, 1981, p. 20, 31 e 207; ATANÁZIO, M.C. Mendes, *A Arte do Manuelino*, Ed. Presença, Lisboa, 1984, p. 61; DIAS, Pedro, *op. cit.* 1986, p. 70.

¹² Cf. TABORDA, J.A. Ramos, *op. cit.* 1948, p. 38; ALVES, Francisco Manuel, *Memórias Histórico-Arqueológicas do Distrito de Bragança*, Vol. IX, 1975, p. 525-526. Vd. também a integração do Pelourinho na classificação tipológica caracterizada em LEITE, Ana Cristina, "Os Centros Simbólicos", *História da Arte Portuguesa*, dir. por Paulo Pereira, vol. 2, 1995, p. 86.

¹³ BARROS, João de, *Geographia d'entre Douro e Minho e Tras-os-Montes*, Biblioteca Municipal do Porto, Porto, 1919, p. 29.

¹⁴ DIAS, Pedro, *op. cit.*, 1986, p. 46.

¹⁵ Cf. RIBEIRO, Orlando, "Localização e Destino dos Centros Urbanos de Trás-os-Montes", *Finisterra*, VII - 14, 1972, p. 46-69.

¹⁶ O numeramento refere "vizinhos" o que pode ser entendido como fogo, referindo-se à casa. A população seria, assim, mais numerosa.

¹⁷ DUARTE DE ARMAS, *Livro das Fortalezas*, com Introdução de Manuel da Silva Castelo Branco, 2ª ed. fac-similada, Lisboa, 1997, fls. 77-78.

¹⁸ A nossa descrição dos motivos não pretende ser nem exaustiva, nem simbolicamente rigorosa na sua formulação, na medida em que as imagens são mais eloquentes na tradução do desenho; pretendemos apenas esboçar os critérios que optámos por diferenciadores.

¹⁹ Aproveitamos para agradecer à Empresa Carlos Guimarães & Luís Soares Carneiro, na pessoa da Arquitéta Susana Machado, a execução dos desenhos apresentados.

²⁰ Estas mísulas foram sendo interpretadas como apoios de vasos de flores, encontrando-se, em casas de sabor mais rural, embora relativamente recente, a inspiração dessas mísulas em pequenas plataformas planas em xisto, que se salientam nos dois lados das janelas, estas sim, para colocação de vasos floridos.

²¹ PEREIRA, Paulo, "Razão, Celebração, Segredo", *História da Arte Portuguesa*, dir. por Paulo Pereira, vol. 2, 1995, p. 127.

²² DIAS, *op. cit.* 1986, p. 7.

²³ Cf. PEREIRA, Paulo, *op. cit.*, 1995, p. 139.

²⁴ Cf. SILVA, J. H. Pais da, *op. cit.* 1986, p. 58.

²⁵ Sobre este assunto, vd. BARROS, *op. cit.* 1919 e *Enciclopédia Portuguesa e Brasileira de Cultura*, "Freixo", vol. X, p. 859-860.

²⁶ Cf. OLIVEIRA, Ernesto Veiga de; GALHANO, Fernando, *Arquitectura Tradicional Portuguesa*, Ed. Presença, Lisboa, 1992, p. 137.

²⁷ Vd. HAUPT, Albrecht, *A Arquitectura do Renascimento em Portugal do tempo de D. Manuel o Venturoso, até ao fim do domínio espanhol*, com Introdução de M.C.Mendes Atanázio, Ed. Presença, Lisboa, 1986, p. 59. Para vários desenhos, utilizaremos referências comparativas com a obra deste autor, que aparecerão no texto com o último nome do autor e a página. As semelhanças detectadas dizem respeito, na maioria dos casos, à parte inferior das decorações dos vãos desenhados por este autor, muitas vezes apenas ao intradorso dos arcos e não à totalidade do desenho, mais pujante e decorado que os exemplares de Freixo.

²⁸ Esta casa foi alvo de recentíssimos trabalhos de reconstrução que alteraram radicalmente a volumetria e tipo da habitação (pelo acrescento de mais um piso), sendo o mais grave a trasladação duma janela com inscrição datada, em duas linhas: A : 1575 : M / IHS (*In Hoc Signo* - simbólica cristã), para último piso, tendo mantido apenas a pedra do lintel; as umbreiras chanfradas desapareceram, e a inscrição tornou-se menos visível devido à forte limpeza pouco cuidada a que foi submetida a pedra. Assim, um dos casos paradigmáticos e de maior importância para a compreensão da história urbana de Freixo, vê-se profundamente alterado, no curto espaço de um a dois anos, arco de tempo que medeia as duas visitas que fizemos.

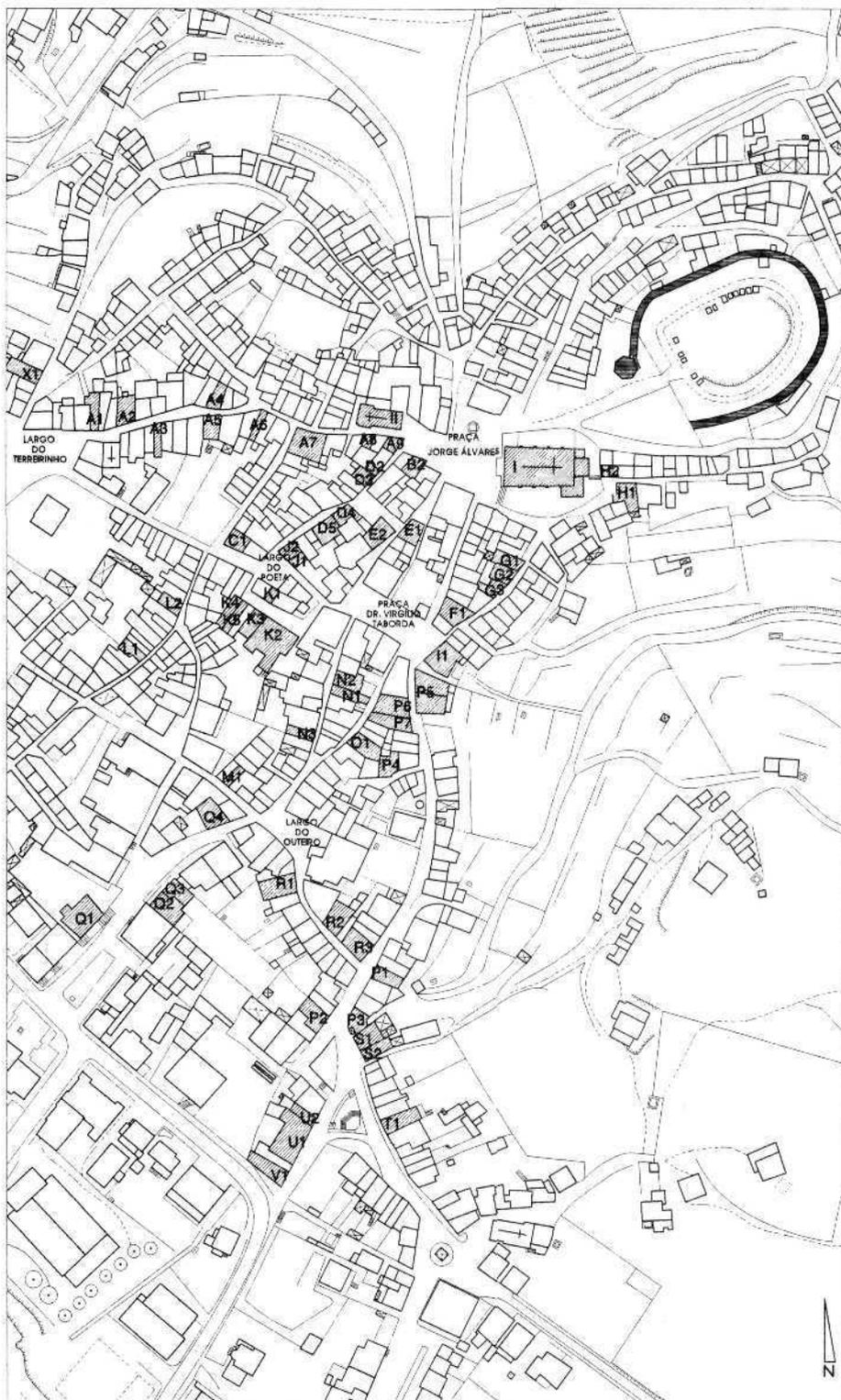
²⁹ SILVA, J.H. Pais da, op. cit. 1986, p. 58.

³⁰ PEREIRA, Paulo, op. cit. 1995, p. 120 e 117.

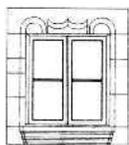
³¹ DIAS, Pedro, op. cit. 1986, p. 18.

³² Provavelmente símbolo de “freixo”, relacionado com a origem do nome da vila.

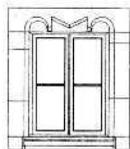
³³ SANTOS, Reynaldo dos, “Freixo de Espada à Cinta”, *Guia de Portugal*, vol. 5, tomo 2, 1970, p. 1053.



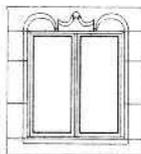
Planta de Freixo de Espada à Cinta



Desenho 1



Desenho 2



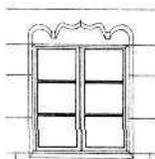
Desenho 3



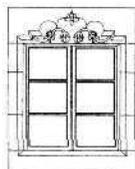
Desenho 4



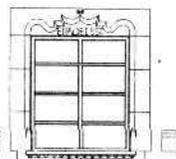
Desenho 5



Desenho 6



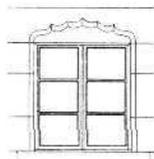
Desenho 7



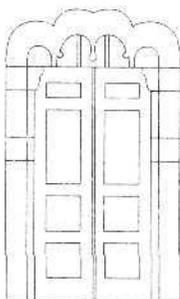
Desenho 8



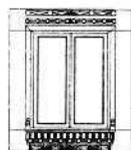
Desenho 9



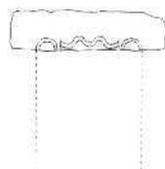
Desenho 10



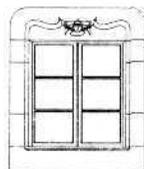
Desenho 11



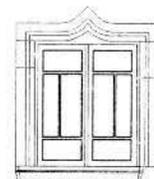
Desenho 12



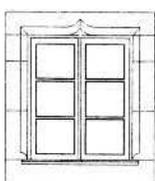
Desenho 13



Desenho 14



Desenho 15



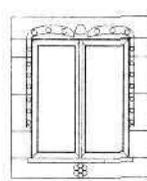
Desenho 16



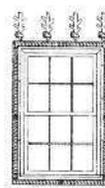
Desenho 17



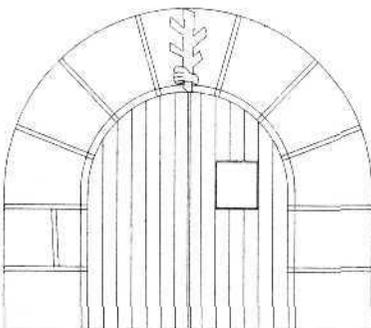
Desenho 18



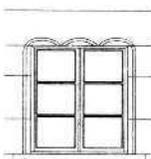
Desenho 19



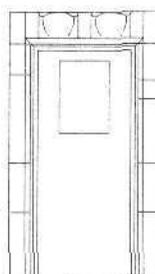
Desenho 20



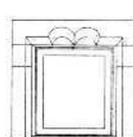
Desenho 20



Desenho 21



Desenho 22



Desenho 23